

Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer

A CONVERSÃO
DOS FILHOS
DE DEUS

Homilia pronunciada em Roma, no dia 2-3-52

UNIVERSIDAD DE NAVARRA
SERVICIO DE BIBLIOTECAS

18387731

mardes, Eu vos escutarei, diz o Senhor. Reparai nesta maravilha que é o cuidado que Deus tem por nós, sempre disposto a ouvir-nos, atento em cada momento à palavra do homem. Em qualquer altura—mas agora de modo especial, porque o nosso coração está bem disposto, decidido a purificar-se — Ele nos ouve, e não deixará de atender ao que Lhe pede um *coração contrito e humilhado* ⁽²⁾.

O Senhor ouve-nos para intervir, para Se meter na nossa vida, para nos livrar do mal e encher-nos de bem: *eripiam eum et glorificabo eum* ⁽³⁾, Eu o livrarei e o glorificarei, diz do homem. Portanto: esperança do Céu. E aqui temos, como doutras vezes, o começo desse movimento interior que é a vida espiritual. A esperança da glorificação acentua a nossa fé e estimula a nossa caridade. E deste modo as três virtudes teologais — virtudes divinas que nos assemelham ao nosso Pai, Deus — põem-se em movimento.

⁽²⁾ — S. 50, 19.

⁽³⁾ — S. 90, 15 (cântico de entrada da Missa).

Haverá melhor maneira de começar a Quaresma? Renovamos a Fé, a Esperança, a Caridade. Esta é a fonte do espírito de penitência, do desejo de purificação. A Quaresma não é apenas uma ocasião de intensificar as nossas práticas externas de mortificação; se pensássemos que era isso apenas, escapar-nos-ia o seu sentido profundo na vida cristã, porque esses actos externos são, repito, fruto da Fé, da Esperança e do Amor.

A ARRISCADA SEGURANÇA DO CRISTÃO

«Qui habitat in adiutorio Altissimi, in protectione Dei coeli commorabitur» ⁽⁴⁾ — Habitar sob a protecção de Deus, viver com Deus: eis a arriscada segurança do cristão. É necessário convencer-mos de que Deus nos ouve, de que está sempre solícito por nós, e assim se encherá de paz o nosso coração. Mas viver com Deus é indubitavelmente correr *um risco*, porque o Senhor não Se contenta compartilhando;

⁽⁴⁾ — S. 90, 1 (cântico de entrada da Missa).

quer tudo. E aproximar-se d'Ele um pouco mais significa estar disposto a uma nova rectificação, a escutar mais atentamente as suas inspirações, os santos desejos que faz brotar na nossa alma, e a pô-los em prática.

Desde a nossa primeira decisão consciente de viver integralmente a doutrina de Cristo, é certo que avançámos muito pelo caminho da fidelidade à sua Palavra. Mas não é verdade que restam ainda tantas coisas por fazer? Não é verdade que resta, sobretudo, tanta soberba? É precisa, sem dúvida, uma outra mudança, uma lealdade maior, uma humildade mais profunda, de modo que, diminuindo o nosso egoísmo, cresça em nós Cristo, pois «illum oportet crescere, me autem minui» (5), é preciso que Ele cresça e que eu diminua.

Não é possível deixar-se ficar imóvel. É necessário avançar para a meta que S. Paulo apontava: «não sou eu quem vive; é Cristo que vive em mim» (6). A ambição é a alta nobi-

(5) — Jo. 3, 30.

(6) — Gál. 2, 20.

líssima: a identificação com Cristo, a santidade. Mas não há outro caminho, se se deseja ser coerente com a vida divina que, pelo Baptismo, Deus fez nascer nas nossas almas. O avanço é o progresso na Santidade; o retrocesso é negar-se ao desenvolvimento normal da vida cristã. Porque o fogo do amor de Deus precisa de ser alimentado, de aumentar todos os dias, arreigando-se na alma; e o fogo mantém-se vivo queimando novas coisas. Por isso, se não aumenta, está a caminho de se extinguir.

SE DISSERES «BASTA», ESTÁS PERDIDO

Recordai as palavras de Santo Agostinho: «Se disseres *basta*, estás perdido. Procura sempre mais, caminha sempre, progride sempre. Não permaneças no mesmo sítio, não retrocedas, não te desvies» (7).

A Quaresma coloca-nos agora perante estas perguntas fundamentais: Avanço na minha

(7) — «Sermo» 169, 15, 19.

fidelidade a Cristo? Em desejos de santidade? Em generosidade apostólica na minha vida diária, no meu trabalho quotidiano entre os meus companheiros de profissão?

Cada um que responda a estas perguntas, sem ruído de palavras, e verá como é necessária uma nova transformação para que Cristo viva em nós, para que a sua imagem se reflecta límpidamente na nossa conduta.

«Se alguém quer vir atrás de Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz de cada dia, e siga-Me» ⁽⁸⁾. Cristo repete-o a cada um de nós, ao ouvido, intimamente: a Cruz *de cada dia*. «Não só — escreve S. Jerónimo — em tempo de perseguição, ou quando se apresenta a possibilidade do martírio, mas em todas as situações, em todas as actividades, em todos os pensamentos, em todas as palavras, neguemos aquilo que antes éramos e confessemos o que agora somos, visto que renascemos em Cristo» ⁽⁹⁾.

⁽⁸⁾ — Lc. 9, 23.

⁽⁹⁾ — «Epistula» 121, 3.

Estas considerações não são, afinal, senão o eco das do Apóstolo: «Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Comportai-vos como filhos da luz, porque o fruto da luz consiste na bondade, na justiça e na verdade. Procurai o que é agradável ao Senhor» ⁽¹⁰⁾.

A conversão é uma coisa de um instante; a santificação é tarefa para toda a vida. A semente divina da caridade, que Deus pôs nas nossas almas, aspira a crescer, a manifestar-se em obras, a dar frutos que correspondam em cada momento ao que é agradável ao Senhor. Por isso é indispensável estarmos dispostos a recommear, a reencontrar—nas novas situações da nossa vida—a luz, o impulso da primeira conversão. E essa é a razão pela qual havemos de nos preparar com um exame profundo, pedindo ajuda ao Senhor para podermos conhecê-Lo melhor e conhecer-nos melhor a nós mesmos. Não há outro caminho para nos convertermos de novo.

⁽¹⁰⁾ — Ef. 5, 8-10.

O TEMPO OPORTUNO

«Exhortamur ne in vacuum gratiam Dei recipiatis» ⁽¹¹⁾ — Exortamo-vos a não receber em vão a graça de Deus. Porque a graça divina pode encher as nossas almas nesta Quaresma, desde que não cerremos as portas do coração. Temos de ter estas boas disposições, o desejo de nos transformarmos realmente, de não brincar com a graça do Senhor.

Não gosto de falar de temor, porque o que move o cristão é o Amor de Deus, que se nos manifestou em Cristo e que nos ensina a amar todos os homens e a criação inteira; mas devemos falar de responsabilidade, de seriedade. «Não queirais enganar-vos a vós mesmos: de Deus não se zomba» ⁽¹²⁾ adverte-nos o mesmo Apóstolo.

É preciso decidir-se. Não é lícito viver tentando manter acesas, como diz o povo, uma vela a S. Miguel e outra ao Diabo. É preciso

⁽¹¹⁾ — 2 Cor. 6, 1 (Epístola da Missa)

⁽¹²⁾ — Gál. 6, 7.

apagar a vela do Diabo. Temos de consumir a vida fazendo-a arder inteiramente ao serviço do Senhor. Se o nosso empenho pela santidade é sincero, se temos a docilidade de nos abandonarmos nas mãos de Deus, tudo correrá bem. Porque Ele está sempre disposto a dar-nos a sua graça, e, especialmente neste tempo, a graça de uma nova conversão, de uma melhoria da nossa vida de cristãos.

Não podemos considerar esta Quaresma como uma época mais, repetição cíclica do tempo litúrgico; este momento é único; é uma ajuda divina que é necessário aproveitar. Jesus passa ao nosso lado e espera de nós — hoje, agora — uma grande mudança.

«*Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis*» ⁽¹³⁾: eis o tempo oportuno, que pode ser o dia da Salvação. Outra vez se ouvem os apelos do Bom Pastor, o carinhoso chamamento: «*Ego vocavi te nomine tuo*» ⁽¹⁴⁾. Chama-nos a cada um pelo nosso nome, com o

⁽¹³⁾ — 2 Cor. 6, 2 (Epístola da Missa).

⁽¹⁴⁾ — Is. 43, 1.

nome familiar com que nos tratam as pessoas que nos amam. A ternura de Jesus por nós não cabe em palavras.

EU TE CHAMEI

Contemplai comigo esta maravilha do amor de Deus: o Senhor vem ao nosso encontro, espera por nós, coloca-Se à beira do caminho, para que não tenhamos outra solução senão vê-Lo! E chama-nos pessoalmente, falando-nos das nossas coisas, que são também as suas, movendo a nossa consciência à compreensão, abrindo-a à generosidade, imprimindo na nossa alma o desejo de sermos fiéis, de podermos chamar-nos seus discípulos!

Basta ouvir essas palavras íntimas da graça, que são como que uma repreensão, tantas vezes afectuosa, para nos darmos conta de que não Se esqueceu de nós durante todo aquele tempo em que, por culpa nossa, nós não O vimos. Cristo ama-nos com o amor inesgotável que cabe no seu Coração de Deus.

Reparai na sua insistência: «Ouvi-te no

tempo oportuno, ajudei-te no dia da salvação» ⁽¹⁵⁾. Já que Ele te promete a glória, o seu amor, e to oferece oportunamente, e te chama — tu que é que Lhe hás-de dar? Como responderás, como responderei eu também, a esse amor de Jesus, que passa?

«Ecce nunc dies salutis» — aqui está, diante de nós, este dia da salvação. O chamamento do Bom Pastor chega até nós: «Ego vocavi te nomine tuo», Eu chamei-te, a ti, pelo teu nome! É preciso responder — amor com amor se paga — dizendo-Lhe: «Ecce ego quia vocasti me» ⁽¹⁶⁾ — chamaste por mim e aqui estou! Estou decidido a que não passe este tempo de Quaresma como passa a água sobre as pedras, sem deixar rasto. Deixar-me-ei empapar, transformar; converter-me-ei, dirigir-me-ei de novo ao Senhor, querendo-Lhe como Ele deseja ser querido.

«Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda

⁽¹⁵⁾ — 2 Cor. 6, 2 (Epístola da Missa).

⁽¹⁶⁾ — 1 Reg. 3, 5.

a tua mente ⁽¹⁷⁾. «Que resta do teu coração — comenta Santo Agostinho — «para que possas amar-te a ti mesmo? Que resta da tua alma, da tua mente?» «Ex toto» — afirma. «Totum exigit te, qui facit te» ⁽¹⁸⁾; Quem te fez exige tudo de ti.

NÓS, AMIGOS DE DEUS

Após este protesto de amor, é necessário comportarmo-nos como amigos de Deus. «In omnibus exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros» ⁽¹⁹⁾; comportemo-nos em tudo como servidores do Senhor. Se te dás como Ele quer, a acção divina manifestar-se-á na tua conduta profissional, no trabalho, num empenho por fazer divinamente as coisas humanas, grandes ou pequenas, pois pelo Amor todas adquirem uma nova dimensão.

Mas nesta Quaresma não podemos esquecer

⁽¹⁷⁾ — Mat. 22, 37.

⁽¹⁸⁾ — «Sermo» 34, 4, 7.

⁽¹⁹⁾ — 2 Cor. 6, 4 (Epístola da Missa).

que querer ser servidores de Deus não é fácil. Continuemos a seguir o texto de S. Paulo que a Epístola da Missa deste Domingo recolhe, para recordarmos as dificuldades: «Como servidores de Deus» — escreve o Apóstolo — «com muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nos cárceres, nas sedições, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns; com pureza, com doutrina, com longanimidade, com mansidão, com o Espírito Santo, com caridade sincera, com palavras de verdade, com fortaleza de Deus» ⁽²⁰⁾.

Nos mais diferentes momentos da vida, em todas as situações, havemos de comportar-nos como servidores de Deus, sabendo que o Senhor está connosco, que somos seus filhos. É preciso sermos conscientes dessa raiz divina, que está enxertada na nossa vida, e actuar em conformidade.

Estas palavras do Apóstolo devem encher-nos de alegria, porque são como que uma canoização da vossa vocação de cristãos corren-

⁽²⁰⁾ — 2 Cor. 6, 4-7.

tes, vivendo no meio do mundo, compartilhando com os demais homens, vossos iguais, ideais, trabalhos e alegrias. Tudo isso é caminho divino. O que o Senhor vos pede é que a todo o momento actueis como filhos e servidores seus.

Mas estas circunstâncias ordinárias da vida só serão caminho divino se realmente nos convertermos, se nos entregarmos. S. Paulo, na verdade, usa uma linguagem dura. Promete ao cristão uma vida difícil, arriscada, em perpétua tensão. Como se tem desfigurado o Cristianismo quando se tem pretendido fazer dele um caminho cómodo! Mas também é uma desfiguração da verdade pensar que essa vida profunda e séria, que conhece vivamente todos os obstáculos da existência humana, seja uma vida de angústia, de opressão ou de medo.

O cristão é realista, de um realismo sobrenatural e humano, sensível a todos os matizes da vida: a dor e a alegria, o sofrimento próprio e alheio, a certeza e a perplexidade, a generosidade e a tendência para o egoísmo... O cristão conhece tudo e com tudo se enfrenta,

cheio de inteireza humana e de fortaleza recebida de Deus.

AS TENTAÇÕES DE CRISTO

A Quaresma comemora os quarenta dias que Jesus passou no deserto, como preparação para os anos de pregação que culminam na Cruz e na glória da Páscoa. Quarenta dias de oração e de penitência, no fim dos quais teve lugar o episódio que a liturgia de hoje oferece à nossa consideração no Evangelho da missa: as tentações de Cristo ⁽²¹⁾.

É uma cena cheia de mistério que o homem em vão pretende entender — Deus que Se submete à tentação, que deixa actuar o Maligno... — mas que pode ser meditada, pedindo ao Senhor que nos faça compreender a lição nela contida.

Jesus Cristo, tentado! A Tradição esclarece este episódio considerando que Nosso Senhor quis sofrer a tentação para nos dar exemplo

(21) — Cfr. Mat. 4, 1-11

em tudo. Assim é, porque Cristo foi perfeito homem, igual a nós, salvo no pecado ⁽²²⁾. Após quarenta dias de jejum, com o simples alimento, possivelmente, de ervas e de raízes e de um pouco de água, Jesus sente fome — fome autêntica, como a de qualquer criatura. E quando o Demónio lhe propõe que transforme em pão as pedras, Nosso Senhor não só rejeita o alimento que o corpo lhe pedia, mas afasta de Si uma incitação maior: a de usar o poder divino para remediar, digamos assim, um problema pessoal.

Tereis notado isso ao longo dos Evangelhos: Jesus não faz milagres em proveito próprio. Converte a água em vinho para os noivos de Caná ⁽²³⁾; multiplica os pães e os peixes para dar de comer a uma multidão faminta ⁽²⁴⁾; mas Ele ganha o seu pão, durante muitos anos, com o seu próprio trabalho. E mais tarde, durante o tempo em que peregrina por

⁽²²⁾ — Cfr. Heb. 4, 15.

⁽²³⁾ — Cfr. Jo. 2, 1-11.

⁽²⁴⁾ — Cfr. Mc. 6, 33-46.

terras de Israel, vive com a ajuda daqueles que O seguem ⁽²⁵⁾.

Relata S. João que, depois de uma longa caminhada, chegando Jesus ao poço de Sicar, manda os seus discípulos à cidade para comprar alimentos; e ao ver aproximar-se a Samaritana pede-lhe água, porque Ele não tinha com que tirá-la ⁽²⁶⁾. O seu corpo fatigado pela longa caminhada sofre o cansaço, e, outras vezes, para refazer energias, recorre ao sono ⁽²⁷⁾. Generosidade do Senhor que Se humilhou, que aceitou plenamente a condição humana, que não Se serve do seu poder divino para fugir das dificuldades ou do esforço! E assim nos ensina a ser fortes, a amar o trabalho, a apreciar a nobreza humana e divina de saborear as consequências da entrega, da doação.

⁽²⁵⁾ — Cfr. Mat. 27, 55.

⁽²⁶⁾ — Cfr. Jo. 4, 4 e segs.

⁽²⁷⁾ — Cfr. Lc. 8, 23.

SÓ A ELE SERVIRÁS

Na segunda tentação, quando o Demónio Lhe propõe que Se lance do pináculo do Templo, Jesus rejeita de novo a tentação de querer servir-Se do seu poder divino. Cristo não busca a vanglória, o aparato, a comédia humana que procura utilizar Deus como pano de fundo da nossa própria excelência. Jesus Cristo quer cumprir a vontade do Pai, sem adiantar os tempos nem antecipar a hora dos milagres, mas, pelo contrário, percorrendo passo a passo a dura senda dos homens, o amável caminho da Cruz.

Algo muito parecido vemos na terceira tentação: são-lhe oferecidos reinos, poder, glória. O Demónio pretende estender a ambições humanas uma atitude que se deve reservar só a Deus: promete uma vida fácil a quem se prostra diante dele, diante dos ídolos. Nosso Senhor reconduz a adoração ao seu único e verdadeiro fim—Deus—e reafirma a sua vontade de servir: «Afasta-te, Satanás; porque está

escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás» (28).

Aprendamos desta atitude de Jesus: durante a sua vida na Terra, não quis sequer a glória que Lhe pertencia, pois, tendo direito a ser tratado como Deus, assumiu a forma de servo, de escravo (29). O cristão sabe, portanto, que toda a glória é para Deus, e que não pode servir-se da sublimidade e grandeza do Evangelho como instrumento de interesses e de ambições humanas.

Aprendamos de Jesus: a sua atitude, ao opor-Se a toda a glória humana, está em perfeita correlação com a grandeza de uma única missão — a de Filho predilecto de Deus, que encarna para salvar os homens. Uma missão que o amor do Pai rodeou de uma solicitude cheia de ternura: «Filius meus es tu, ego hodie genui te. Postula a me et dabo tibi gentes hereditatem tuam» (30) — Tu és meu filho, Eu hoje

(28) — Mat. 4, 10.

(29) — Cfr. Fil. 2, 6-7.

(30) — S. 2, 7.

Te gerei. Pede-Me e Eu Te darei as nações em herança...

O cristão que, seguindo Cristo, vive nessa atitude de completa adoração do Pai, recebe também do Senhor palavras de amoroso desvelo: «Porque espera em Mim, Eu o livrarei; protegê-lo-ei, porque conhece o meu nome» ⁽³¹⁾.

Jesus disse que não ao Demónio, ao príncipe das trevas. E imediatamente se manifesta a luz: «Então o Diabo deixou-O e chegaram os Anjos e serviram-n'O» ⁽³²⁾. Jesus suportou a prova, uma prova verdadeira, porque, comenta Santo Ambrósio, «não procedeu como Deus, usando do seu poder (senão, de que nos serviria o seu exemplo?) mas, como homem, serviu-Se dos auxílios que tem em comum conosco» ⁽³³⁾.

O Demónio, com retorcida intenção, citou o Antigo Testamento: Deus enviará os seus Anjos para que protejam o Justo em todos

⁽³¹⁾ — S. 90, 14.

⁽³²⁾ — Mat. 4, 11.

⁽³³⁾ — «Expositio Ev. sec. Lucam» 1, 4, 20.

os seus caminhos ⁽³⁴⁾. Mas Jesus, recusando-Se a tentar o seu Pai, devolve a essa passagem bíblica o seu verdadeiro sentido. E, como prêmio da sua fidelidade, chegado o tempo, apresentam-se os mensageiros de Deus Pai para O servirem.

OS NOSSOS GRANDES AMIGOS

Vale a pena reparar no modo de proceder de Satanás com Jesus Cristo: argumenta com textos dos Livros Sagrados, retorcendo, desfigurando de forma blasfema o seu sentido. Mas Jesus não Se deixa enganar: o Verbo feito carne bem conhece a Palavra divina, escrita para a salvação dos homens e não para confusão e condenação. Quem está unido a Jesus Cristo pelo Amor — tal é a conclusão que devemos tirar — nunca se deixará enganar por manejos fraudulentos da Sagrada Escritura, porque sabe que é obra típica do Demónio procurar confundir a consciência cristã utilizando

⁽³⁴⁾ — S. 90, 11.

com dolo os mesmos termos usados pela eterna Sabedoria, e tentando fazer da luz trevas.

Contemplemos um pouco esta intervenção dos Anjos na vida de Jesus, pois assim entenderemos melhor o seu papel — a missão angélica — em toda a vida humana. A tradição cristã apresenta os Anjos da Guarda como grandes amigos, colocados por Deus junto de cada homem para o acompanharem nos seus caminhos. E por isso convida-nos a ganhar intimidade com eles e a recorrer a eles.

A Igreja, fazendo-nos meditar nestas passagens da vida de Cristo, recorda-nos que, em tempo de Quaresma, em que nos reconhecemos pecadores, cheios de misérias, necessitados de purificação, também tem cabimento a alegria. Porque a Quaresma é simultâneamente um tempo de fortaleza e de júbilo: devemos encher-nos de ânimo, visto que a graça do Senhor não nos faltará, pois Deus estará a nosso lado e enviar-nos-á os seus Anjos, para que sejam nossos companheiros de viagem, nossos prudentes conselheiros ao longo do caminho, nossos colaboradores em todos os empreen-

dimentos. «In manibus portabunt te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum» ⁽³⁵⁾, diz o salmo: os Anjos levar-te-ão nas suas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra.

É preciso saber tratar com intimidade os Anjos. Recorre a eles agora, diz ao teu Anjo Custódio que estas águas sobrenaturais da Quaresma não deslizaram em vão sobre a tua alma, mas nela penetraram até ao fundo, porque tens um coração contrito. Pede-lhes que levem ao Senhor a boa vontade que a graça fez germinar na nossa miséria, como um lírio nascido numa esterqueira. «Sancti Angeli, Custodes nostri: defendite nos in proelio, ut non pereamus in tremendo iudicio» ⁽³⁶⁾ — Santos Anjos da Guarda: defendei-nos na batalha, para que não pereçamos no terrível juízo.

FILIAÇÃO DIVINA

Como se explica esta oração confiante, esta certeza de que não pereceremos na batalha?

⁽³⁵⁾ — S. 90, 12.

⁽³⁶⁾ — De uma oração dirigida a S. Miguel nas festas litúrgicas que lhe dedica o Missal Romano.

É um convencimento que parte de uma realidade que nunca me cansarei de admirar: a nossa filiação divina. O Senhor, que nesta Quaresma pede a nossa conversão, não é um dominador tirânico, nem um juiz rígido e implacável; é nosso Pai. Fala-nos dos nossos pecados, dos nossos erros, da nossa falta de generosidade, mas é para livrar-nos deles e para prometer a sua amizade e o seu amor. A consciência da nossa filiação divina dá alegria à nossa conversão; diz-nos que estamos a voltar à casa do Pai.

A filiação divina é o fundamento do espírito do Opus Dei. Todos os homens são filhos de Deus. Mas um filho pode reagir de muitos modos diante do seu pai. Temos de esforçar-nos por ser filhos que procuram lembrar-se de que o Senhor, querendo-nos como filhos, fez com que vivêssemos em sua casa no meio deste mundo; que fôssemos da sua família; que o que é seu fosse nosso e o nosso seu; que tivéssemos a mesma familiaridade e confiança com que um menino é capaz de pedir — a própria Lua!

Um filho de Deus trata o Senhor como Pai. Não servilmente, nem com uma reverência formal, de mera cortesia, mas cheio de sinceridade e de confiança. Deus não Se escandaliza com os homens. Deus não Se cansa das nossas infidelidades. O nosso Pai do Céu perdoa qualquer ofensa quando o filho volta de novo até Ele, quando se arrepende e pede perdão. Nosso Senhor é tão verdadeiramente pai, que prevê os nossos desejos de sermos perdoados e adianta-Se com a sua graça, abrindo amorosamente os braços.

Reparai que não estou a inventar nada. Recordai a parábola que o Filho de Deus nos contou para que entendêssemos o amor do Pai que está nos Céus: a parábola do filho pródigo ⁽³⁷⁾.

«Ainda estava longe» — diz a Escritura — «quando o pai o viu, e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos» ⁽³⁸⁾. Estas são as pala-

⁽³⁷⁾ — Cfr. Lc. 15, 11 e segs.

⁽³⁸⁾ — Lc. 15, 20.

vas do livro sagrado: «cobrindo-o de beijos»! Pode-se falar mais humanamente? Pode-se descrever com mais viveza o amor paternal de Deus para com os homens?

Perante um Deus que corre para nós, não podemos calar-nos e dir-Lhe-emos com S. Paulo: «Abba, Pater»! ⁽³⁹⁾ Pai! Meu Pai! Pois, sendo Ele o criador do Universo, não dá importância a títulos altissonantes, nem sente falta da justa confissão do seu poderio. Quer que Lhe chamemos Pai, que saboreemos essa palavra, enchendo a alma de alegria.

A CASA DO PAI

De certo modo a vida humana é um constante voltar à casa do nosso Pai. Voltar, mediante a contrição, essa conversão do coração que pressupõe o desejo de mudar, a decisão firme de melhorar a nossa vida e que, portanto, se manifesta em obras de sacrifício e de doação. Voltar a casa do Pai, por meio do

⁽³⁹⁾ — Rom. 8, 15.

sacramento do perdão, em que, ao confessarmos os nossos pecados, nos revestimos de Cristo e nos tornamos assim seus irmãos, membros da família de Deus.

Deus espera-nos como o pai da parábola, estendendo para nós os braços, embora não o mereçamos. Não importa o que Lhe devemos. Como no caso do filho pródigo, o que é preciso é que Lhe abramos o coração, que tenhamos saudades do lar paterno, que nos maravilhemos e nos alegremos perante o dom que Deus nos faz de nos podermos chamar e sermos realmente, apesar de tanta falta de correspondência da nossa parte, filhos seus.

Que estranha capacidade tem o homem de esquecer as coisas mais maravilhosas e de se acostumar ao mistério! Reparemos de novo, nesta Quaresma, que o cristão não pode ser superficial. Estando plenamente metido no seu trabalho ordinário, entre os demais homens, seus iguais, atarefado, ocupado, em tensão, o cristão tem de estar, ao mesmo tempo, imerso totalmente em Deus, porque é filho de Deus.

A filiação divina é uma feliz verdade, um

mistério consolador. A filiação divina enche toda a nossa vida espiritual, porque nos ensina a tratar intimamente, a conhecer, a amar o nosso Pai do Céu, e assim enche de esperança a nossa luta interior e dá-nos a simplicidade confiante de filhos pequenos. Mais ainda: precisamente por sermos filhos de Deus, essa realidade leva-nos também a contemplar com amor e com admiração todas as coisas que saíram das mãos de Deus Pai, Criador. E deste modo somos contemplativos no meio do mundo, amando o mundo.

UM HOMEM NOVO

Na Quaresma, a Liturgia considera as consequências do pecado de Adão na vida do homem.

Adão não quis ser um bom filho de Deus e revoltou-se. Mas também nos faz ouvir continuamente o eco dessa *felix culpa* — culpa feliz, ditosa — que a Igreja inteira cantará,

cheia de alegria, na vigília do Domingo de Ressurreição ⁽⁴⁰⁾.

Deus Pai, chegada a plenitude dos tempos, enviou ao mundo o seu Filho unigénito para que restabelecesse a paz; para que, redimindo o homem do pecado, «*adoptionem filiorum recipemus*» ⁽⁴¹⁾, fôssemos constituídos filhos de Deus, libertos do jugo do pecado, capazes de participar na intimidade divina da Trindade. E assim se tornou possível a este homem novo, a esta nova enxertia dos filhos de Deus ⁽⁴²⁾, libertar a Criação inteira da desordem, restaurando todas as coisas em Cristo ⁽⁴³⁾, que nos reconciliou com Deus ⁽⁴⁴⁾.

É tempo de penitência, pois. Mas, como vimos, não se trata de uma tarefa negativa. A Quaresma deve ser vivida com o espírito da filiação que Cristo nos comunicou e que

⁽⁴⁰⁾ — Prefácio pascal.

⁽⁴¹⁾ — Gál. 4, 5.

⁽⁴²⁾ — Cfr. Rom. 6, 4-5.

⁽⁴³⁾ — Cfr. Ef. 1, 5-10.

⁽⁴⁴⁾ — Cfr. Col. 1, 20.

vive na nossa alma ⁽⁴⁵⁾. O Senhor chama-nos para que nos acerquemos d'Ele, desejando ser como Ele: «Sede imitadores de Deus, como filhos muito amados» ⁽⁴⁶⁾, colaborando humildemente, mas fervorosamente, no divino propósito de unir o que está quebrado, de salvar o que está perdido, de ordenar o que o homem pecador desordenou, de conduzir ao seu fim o que está desencaminhado, de restabelecer a divina concórdia de todas as criaturas.

A liturgia da Quaresma toma por vezes acentos trágicos, fruto da consideração do que significa para o homem afastar-se de Deus. Mas esta consideração não é a última palavra. A última palavra pertence a Deus, e é a palavra do seu amor salvador e misericordioso; e, portanto, a palavra da nossa filiação divina. Por isso vos repito com S. João: «vede que amor teve por nós o Pai, querendo que nos chamássemos filhos de Deus e que o fôssemos

⁽⁴⁵⁾ — Cfr. Gál. 4, 6.

⁽⁴⁶⁾ — I Jo. 3, 1.

na verdade»! ⁽⁴⁷⁾. Filhos de Deus, irmãos do Verbo feito carne, d'Aquele de Quem foi dito: «n'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens»! ⁽⁴⁸⁾. Filhos da Luz, irmãos da Luz — isso é o que somos! Portadores da única chama capaz de iluminar os corações feitos de carne!

A ALEGRIA DA RESSURREIÇÃO

Calando-me eu agora, cada um de vós, ao seguir a Santa Missa, deve pensar no que lhe pede o Senhor; que propósito, que decisões a acção da graça quer provocar dentro de si. E, ao reconhecer essas exigências sobrenaturais e humanas de entrega e de luta, lembrai-vos de que o nosso modelo é Jesus Cristo, e que Jesus, sendo Deus, permitiu que O tentassem, para que assim nos enchêssemos de ânimo e ficássemos certos da vitória. Porque Ele não perde batalhas; estando unidos a Ele,

⁽⁴⁷⁾ — I Jo. 3, 1.

⁽⁴⁸⁾ — Jo. 1, 4.

nunca seremos vencidos, mas poderemos chamar-nos e ser realmente vencedores — bons filhos de Deus.

Vivamos contentes. Eu estou contente. Não o deveria estar olhando para a minha vida, fazendo esse exame pessoal de consciência que este tempo litúrgico da Quaresma nos pede... Mas sinto-me contente, porque vejo que o Senhor me procura uma vez mais, que o Senhor continua a ser meu Pai. Sei que vós e eu, decididamente, com o resplendor e a ajuda da graça, veremos que coisas há que queimar, e queimá-las-emos; que coisas há que arrancar, e arrancá-las-emos; que coisas há que entregar, e entregá-las-emos!

A tarefa não é fácil. Mas contamos com uma orientação clara, com uma realidade de que não devemos nem podemos prescindir: somos amados por Deus, e deixaremos que o Espírito Santo actue em nós e nos purifique, para poderemos abraçar-nos assim ao Filho de Deus na Cruz, ressuscitando depois com Ele, porque a alegria da Ressurreição está enraizada na Cruz.

Maria, nossa Mãe, «auxilium christianorum,

refugium peccatorum», intercede junto de teu Filho para que nos envie o Espírito Santo, que desperte em nossos corações a decisão de caminhar-mos com passo firme e seguro, fazendo soar no mais fundo da nossa alma o chamado que encheu de paz o martírio de um dos primeiros cristãos: «veni ad Patrem» ⁽⁴⁹⁾ — vem, volta ao teu Pai, que te espera!

DE CRISTO
VIDA
DO CRISTÃO

⁽⁴⁹⁾ — Sto. Inácio de Antioquia, Epístola aos Romanos, 7, 2.

Josemaría Escrivá de Balaguer

A MORTE DE CRISTO VIDA DO CRISTÃO

«Novidades», 8-4-70

A MORTE
DE CRISTO
A VIDA
DO CRISTÃO

Esta semana, que o povo cristão tradicionalmente chama Santa, oferece-nos uma vez mais a possibilidade de considerar — de reviver — os momentos em que se consuma a vida de Jesus.

Tudo o que as diversas manifestações de piedade nos trazem à memória nestes dias, se encaminha decerto para a Ressurreição, que é o fundamento da nossa fé, como escreve S. Paulo (cfr. 1 Cor. 15, 14). Mas não percorramos este caminho demasiado depressa; não deixemos cair no esquecimento alguma coisa muito simples, que por vezes parece escapar-nos: não poderemos participar da Ressurreição do Senhor se não nos unirmos à sua Paixão e à sua Morte (cfr. Rom. 8, 17). Para acompanhar a Cristo na sua glória no final da Semana Santa, é necessário que pene-

tremos antes no seu holocausto e que nos sintamos uma só coisa com Ele, morto no Calvário.

A entrega generosa de Cristo enfrenta-se com o pecado, essa realidade dura de aceitar, mas inegável: o *mysterium iniquitatis*, a inexplicável maldade da criatura que se ergue, por soberba, contra Deus.

A história é tão antiga como a Humanidade. Recordemos a queda dos nossos primeiros pais; depois, toda essa cadeia de depravações que marcam a marcha dos homens; finalmente, as nossas rebeldias pessoais. Não é fácil considerar a perversidade que o pecado implica e compreender tudo o que a Fé nos ensina. Temos de ter presente que, mesmo no plano humano, a grandeza da ofensa se mede pela condição do ofendido, pelo seu valor pessoal, pela sua dignidade social, pelas suas qualidades. E o homem ofende a Deus: a criatura renega o seu Criador.

Mas «Deus é Amor» (1 Io. 4, 8). O abismo de malícia, que o pecado encerra, foi vencido

por uma Caridade infinita. Deus não abandona os homens. Os desígnios divinos previram que, para reparar as nossas faltas, para restabelecer a unidade perdida, não bastavam os sacrifícios da Antiga Lei: tornou-se necessária a entrega de um homem que fosse Deus. Podemos imaginar — para nos aproximarmos de algum modo deste mistério insondável — que a Trindade Santíssima se reúne em conselho, na sua contínua relação íntima de amor imenso, e, como resultado dessa deliberação eterna, o Filho Unigénito de Deus-Pai assume a nossa condição humana, carrega sobre Si as nossas misérias e as nossas dores, para acabar pregado com cravos num madeiro.

Esse fogo, esse desejo de cumprir o decreto salvador de Deus-Pai, enche toda a vida de Cristo, desde o seu nascimento em Belém. Ao largo dos três anos que com Ele conviveram, os discípulos ouvem-No repetir incansavelmente que o seu alimento é fazer a vontade d'Aquele que O enviou (cfr. Io. 4, 34). Até que, no meio da tarde da primeira Sexta-Feira Santa, se concluiu a sua imolação: «incli-

nando a cabeça, entregou o espírito» (Io. 19, 30). Com estas palavras descreve-nos o Apóstolo S. João a morte de Cristo: Jesus, sob o peso da Cruz com todas as culpas dos homens, morre por causa da força e da vileza dos nossos pecados.

Meditemos no Senhor, chagado dos pés à cabeça por amor de nós. Com frase que se aproxima da realidade, embora não consiga exprimi-la completamente, podemos repetir com um escritor de há séculos: «O corpo de Jesus é um retábulo de dores». À vista de Cristo feito um farrapo, transformado num corpo inerte descido da Cruz e confiado a sua Mãe, à vista desse Jesus destroçado, poder-se-ia concluir que esta cena é a exteriorização mais clara de uma derrota. Onde estão as massas que O seguiram e o Reino cuja vinda anunciava? Contudo, não temos diante dos olhos uma derrota, mas sim uma vitória: está agora mais perto do que nunca o momento da Ressurreição, da manifestação da glória que Cristo conquistou com a sua obediência.

A MORTE DE CRISTO CHAMA-NOS A UMA VIDA CRISTÃ PLENA

Acabamos de reviver o drama do Calvário, aquilo que me atreveria a chamar a primeira Missa, a primordial, celebrada por Jesus. Deus-Pai entrega o seu Filho à morte. Jesus, o Filho Unigénito, abraça-Se ao madeiro, no qual O haviam de «justiçar», e o seu sacrifício é aceite pelo Pai. Como fruto da Cruz, deram-se sobre a Humanidade o Espírito Santo (cfr. Rom. 3, 24 e segs.; Hebr. 10, 5 e segs.; Io. 7, 39).

Na tragédia da Paixão consuma-se a nossa própria vida e toda a história humana. A Semana Santa não pode reduzir-se a uma mera recordação, pois que nela se considera o mistério de Jesus Cristo, que se prolonga nas nossas almas: o cristão está obrigado a ser *alter Christus, ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo. Pelo Baptismo, fomos todos constituídos sacerdotes da nossa própria existência, «para oferecer vítimas espirituais que sejam agradáveis a Deus por Jesus Cristo»

(1 Ped. 2, 5), para realizar cada uma das nossas acções em espírito de obediência à vontade de Deus, perpetuando assim a missão do Deus-Homem.

Por contraste, esta realidade leva-nos a determo-nos nas nossas desditas, nos nossos erros pessoais. Tal consideração não nos deve desanimar, nem colocar na atitude céptica de quem renunciou aos grandes ideais. Porque o Senhor reclama-nos tal como somos, para que participemos da sua vida, para que lutemos por ser santos.

Santidade! Quantas vezes pronunciamos esta palavra como se fosse um som vazio! Para muitos, ela representa mesmo um ideal inacessível, um tema da ascética, mas não um fim concreto, uma realidade viva. Não pensavam deste modo os primeiros cristãos que usavam o nome de santos para se chamarem entre si, com toda a naturalidade e com grande frequência: «saudam-vos todos os santos» (Rom. 16, 15), «saudai todos os santos em Cristo Jesus» (Fil. 4, 21).

Situados agora perante esse momento do

Calvário, quando Jesus já morreu e não se manifestou ainda a glória do seu triunfo, temos uma boa ocasião para examinar os nossos desejos de vida cristã, de santidade, para reagir com um acto de fé perante as nossas debilidades e, confiando no poder de Deus, fazer o propósito de pôr amor nas coisas do nosso dia-a-dia. A experiência do pecado tem de nos conduzir à dor, a uma decisão mais madura e mais profunda de sermos fiéis, de nos identificarmos deveras com Cristo, de perseverarmos, custe o que custar, nessa missão sacerdotal que Ele encomendou a todos os seus discípulos sem excepção, que nos impele a sermos sal e luz do mundo (cfr. Mat. 5, 13-14).

A consideração da morte de Cristo traduz-se num convite a que nos situemos, com absoluta sinceridade, perante o nosso trabalho ordinário, que tomemos a sério a Fé que professamos. A Semana Santa, portanto, não pode ser um parêntesis sagrado no contexto de um viver movido só por interesses humanos: tem de ser uma ocasião para penetrarmos na profundidade do Amor de Deus, para podermos assim,

com a palavra e com as obras, mostrá-lo aos outros homens.

Mas o Senhor impõe condições. Há uma declaração sua, que S. Lucas nos conserva, da qual não se pode prescindir: «Se alguém quer vir a Mim e não aborrece o pai e a mãe, a mulher e os filhos, os irmãos e as irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo» (Luc. 14, 26). São palavras duras. Decerto nem o «odiar», nem o «aborrecer» exprimem bem o pensamento original de Jesus. De qualquer maneira, as palavras do Senhor foram fortes, pois não se reduzem a um «amor menor», como por vezes se interpreta temperadamente, para suavizar a frase. É tremenda essa expressão tão taxativa, não porque implique uma atitude negativa ou desapiedada, pois o Jesus que fala agora é o mesmo que manda amar os outros como a própria alma e entrega a sua vida pelos homens: aquela locução indica simplesmente que perante Deus não cabem meias-tintas. Poderiam traduzir-se as palavras de Cristo por «amar mais», «amar melhor», ou então por não amar com um amor egoísta,

nem tão-pouco com um amor de vistas curtas: devemos amar com o Amor de Deus. Disto é que se trata!

Reparemos na última das exigências de Jesus: «et animam suam», a vida, a própria alma é o que o Senhor pede. Se somos fátuos, se nos preocupamos apenas com a nossa comodidade pessoal, se centramos a existência dos outros e até o próprio mundo em nós mesmos, não temos o direito de nos chamarmos cristãos, de nos considerarmos discípulos de Cristo. A entrega tem de se fazer com obras e com verdade, não apenas com a boca (1 Io. 3, 18). O amor a Deus convida-nos a levar a cruz a pulso, a sentir também sobre nós o peso da Humanidade inteira e a cumprir, nas circunstâncias próprias do estado e do trabalho de cada um, os desígnios, claros e amorosos ao mesmo tempo, da vontade do Pai. Na passagem que comentamos, Jesus prossegue: «Aquele que não carrega com a sua cruz e Me segue, também não pode ser meu discípulo» (Luc. 14, 27).

Aceitemos sem medo a vontade de Deus, for-

mulemos sem vacilações o propósito de edificar toda a nossa vida de acordo com aquilo que nos ensina e nos exige a nossa fé. Estejamos seguros de que encontraremos luta, sofrimento e dor; mas, se possuímos de verdade a Fé, nunca nos sentiremos infelizes: também com sofrimentos, e até mesmo com calúnias, seremos felizes, com uma felicidade que nos impelirá a amar os outros para os fazer participar da nossa alegria sobrenatural.

O CRISTÃO PERANTE A HISTÓRIA HUMANA

Ser cristão não é título de mera satisfação pessoal: tem nome — substância — de missão. Já antes recordávamos que o Senhor convida todos os cristãos a serem sal e luz do mundo; fazendo-se eco desse mandato e com textos tomados do Antigo Testamento, S. Pedro escreve umas palavras que definem muito claramente essa missão: «Sois linhagem escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo de conquista, para publicar as grandezas d'Aquele que nos

arrancou das trevas para a sua luz admirável» (1 Ped. 2, 9).

Ser cristão não é algo accidental, é uma realidade divina, que se insere nas entranhas da nossa vida, dando-nos uma visão clara e uma vontade decidida para actuarmos como Deus quer. Aprende-se assim que a peregrinação do cristão no mundo tem de se converter num serviço contínuo, prestado de modos muito diversos segundo as circunstâncias pessoais, mas sempre por amor a Deus e ao próximo. Ser cristão é actuar sem pensar nas pequenas metas do prestígio ou da ambição, nem em finalidades que podem parecer mais nobres, como a filantropia ou a compaixão perante as desgraças alheias: é correr para o termo último e radical do amor que Jesus Cristo manifestou morrendo por nós.

Verificam-se por vezes algumas atitudes que provêm de não se saber penetrar neste mistério de Jesus. Por exemplo, a mentalidade daqueles que vêem o cristianismo como um conjunto de práticas ou actos de piedade, sem perceberem a sua relação com as situações da

vida corrente, com a urgência de atender as necessidades dos outros e de se esforçar por remediar as injustiças.

Por mim, diria que quem tem essa mentalidade não compreendeu ainda o que significa o facto de o Filho de Deus ter encarnado, tomando corpo, alma e voz de homem, participando no nosso destino até ao ponto de experimentar a aniquilação suprema da morte. Talvez por isso, algumas pessoas, sem querer, consideram Cristo como um estranho no ambiente dos homens.

Outros, pelo contrário, têm tendência para imaginar que, para poderem ser humanos, precisam pôr em surdina alguns aspectos centrais do dogma cristão, e actuam como se a vida de oração, a intimidade habitual com Deus, constituísse uma fuga perante as próprias responsabilidades e um abandono do mundo. Esquecem-se de que Jesus, precisamente, nos deu a conhecer até que extremos se deve ir no caminho do amor e do serviço. Só se procurarmos compreender o arcano do amor de Deus, deste amor que chega até à morte, sere-

mos capazes de nos entregar totalmente aos outros, sem nos deixarmos vencer pelas dificuldades ou pela indiferença.

É a fé em Cristo, que morreu e ressuscitou, presente em todos e cada um dos momentos da vida, que ilumina as nossas consciências, incitando-nos a participar com todas as forças nas vicissitudes e nos problemas da história humana. Nessa história, que teve início com a criação do mundo e terminará com a consumação dos séculos, o cristão não é um apátrida: é um cidadão da cidade dos homens, com alma cheia de desejo de Deus, cujo amor começa já a entrever nesta etapa temporal e no qual reconhece o fim a que estamos chamados todos os que vivemos na Terra.

Se o meu testemunho pessoal tem interesse, posso dizer que sempre entendi o meu trabalho de sacerdote e pastor de almas como uma tarefa dirigida a situar cada um perante as exigências totais da sua vida, ajudando-o a descobrir aquilo que Deus em concreto lhe pede, sem pôr qualquer limitação a essa independência santa e a essa bendita responsabi-

lidade individual que são características de uma consciência cristã. Esse modo de agir e esse espírito baseiam-se no respeito pela transcendência da verdade revelada e no amor à liberdade da criatura humana. Poderia acrescentar que se baseiam também na certeza da indeterminação da História, aberta a múltiplas possibilidades que Deus não quis limitar.

Seguir Cristo não significa refugiar-se no templo, encolhendo os ombros perante o desenvolvimento da sociedade, perante os acertos ou as aberrações dos homens e dos povos. A fé cristã leva-nos, pelo contrário, a ver o mundo como criação do Senhor, a apreciar, portanto, tudo o que é nobre e belo, a reconhecer a dignidade de cada pessoa, feita à imagem de Deus, e a admirar esse dom especialíssimo da liberdade, que nos faz senhores dos nossos próprios actos e capazes, com a graça do Céu, de construir o nosso destino eterno.

Seria minimizar a Fé reduzi-la a uma ideologia terrena, arvorando um estandarte político-religioso para condenar, não se sabe em nome de que investidura divina, aqueles que

não pensam do mesmo modo em problemas que são, pela sua própria natureza, susceptíveis de receber numerosas e diversas soluções.

REFLECTIR NO SENTIDO DA MORTE DE CRISTO

A digressão que acabo de fazer tem por única finalidade pôr em evidência uma verdade central: recordar que a vida cristã encontra o seu sentido em Deus. Nós os homens não fomos criados apenas para edificar um mundo o mais justo possível: para além disso, fomos colocados na Terra para entrar em comunhão com o próprio Deus. Jesus não nos prometeu a comodidade temporal, nem a glória terrena, mas a casa de Deus-Pai, que nos espera no final do caminho (cfr. Io. 14, 2).

A liturgia de Sexta-Feira Santa inclui um hino maravilhoso: o *Crux Fidelis*. Nesse hino, somos convidados a cantar e celebrar o glorioso combate do Senhor, o troféu que é a Cruz, a esplêndida vitória de Cristo. O Redentor do Universo, ao ser imolado, triunfa. Deus, Senhor

de toda a criação, não afirma a sua presença com a força das armas, nem sequer com o poder temporal dos seus, mas sim com a grandeza do seu amor infinito.

O Senhor não destrói a liberdade do homem: precisamente Ele é que nos fez livres. Por isso mesmo não quer respostas forçadas, mas sim decisões que saiam da intimidade do coração. E espera de nós, cristãos, que vivamos de tal maneira que aqueles que convivam connosco, por cima das nossas próprias misérias, erros e deficiências, encontrem o eco do drama de amor do Calvário. Tudo o que temos, recebemo-lo de Deus, para sermos sal que dê sabor, luz que leve aos homens a alegre nova de que Ele é um Pai que ama sem medida. O cristão é luz do mundo, não porque vença ou triunfe, mas porque dá testemunho do amor de Deus. E não será sal se não servir para salgar; nem será luz se, com o seu exemplo e a sua doutrina, não oferecer um testemunho de Jesus, se perder aquilo que constitui a razão de ser da sua vida.

Convém que meditemos naquilo que nos

revela a morte de Cristo, sem ficarmos nas formas exteriores ou em frases estereotipadas. É necessário que nos metamos de verdade nas cenas que revivemos durante estes dias da Semana Santa: a dor de Jesus, as lágrimas de sua Mãe, a debandada dos discípulos, a fortaleza das santas mulheres, a audácia de José e Nicodemos, que pedem a Pilatos o corpo do Senhor.

Aproximemo-nos, em suma, de Jesus morto, dessa Cruz que se recorta sobre o cume do Gólgota. Mas aproximemo-nos com sinceridade, sabendo encontrar o recolhimento interior que é sinal de maturidade cristã. Os acontecimentos, divinos e humanos, da Paixão penetrarão desta forma na alma como palavra que Deus nos dirige para desvelar os segredos do nosso coração e revelar-nos aquilo que espera das nossas vidas.

Há já muitos anos, vi um quadro que se gravou profundamente no meu íntimo. Representava a Cruz de Cristo e, junto ao madeiro, três anjos: um chorava desconsoladamente; outro tinha um cravo na mão, como para se con-

vencer de que aquilo era verdade; o terceiro estava recolhido em oração. Eis um programa sempre actual para cada um de nós: chorar, crer e orar.

Perante a Cruz, dor dos nossos pecados, dos pecados da Humanidade, que levaram Jesus à morte; fé, para penetrarmos nessa verdade sublime que ultrapassa todo o entendimento e para nos maravilharmos com o amor de Deus; oração, para que a vida e a morte de Cristo sejam o modelo e o estímulo da nossa vida e da nossa entrega. Só assim nos chamaremos vencedores! Porque Cristo ressuscitado vencerá em nós, e a morte transformar-se-á em vida.

UNIVERSIDAD DE NAVARRA
SERVICIO DE BIBLIOTECAS

ÍNDICE

A conversão dos Filhos de Deus (Homília pronunciada em Roma, no dia 2/3/52, primeiro domingo da Quaresma)	3
A morte de Cristo vida do cristão («Novidades», 8/4/70)	39